

# CARTOGRAFIA DO DESEJO NAS CIDADES PEQUENAS

## Experiências ao Sul do Rio Grande do Sul

*CARTOGRAPHY OF WISH IN SMALL TOWNS  
Experiences in the South of Rio Grande do Sul*

*Luana Pavan Detoni<sup>1</sup> e Eduardo Rocha<sup>2</sup>*

### Resumo

As cidades pequenas remetem à análise de um urbano de outra centralidade, estes territórios são múltiplos e seus estudos carregados de desejos, sobretudo na área da arquitetura e urbanismo. Um pouco dessa diversidade será expressa neste ensaio, com objetivo de cartografar os desejos nas cidades pequenas. Buscamos apresentar a noção de cidades pequenas e o contexto dos territórios da região Sul do Rio Grande do Sul que serão abordados: Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu. Em seguida, refletimos teoricamente sobre o conceito de desejo, relacionado ao método cartográfico e aos procedimentos de pesquisa realizados: a pedagogia da viagem, a entrevista de manejo cartográfico, e o agenciamento de conceitos da filosofia da diferença. Por fim, compartilhamos alguns resultados desta cartografia que revelou desejos relacionados às questões do parcelamento, uso e ocupação do solo; aos aspectos de composição da paisagem; e sobre a noção de segurança.

Palavras-chave: cidades pequenas, cartografia do desejo, arquitetura e urbanismo, Sul, cidade e contemporaneidade.

### Abstract

*Small towns refer to the analysis of an urban of another centrality, these territories are multiple and their studies are loaded with wishes, especially in the area of architecture and urbanism. Some of this diversity will be expressed in this text, with the objective of cartography the wishes in small towns. We seek to introduce the notion of small towns and the context of the territories of the southern region of Rio Grande do Sul that will be analyzed: Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu. Then, we theoretically reflect on the concept of wish, related to the cartographic method and the procedures for research: the pedagogy of travel, the cartographic interview, and the assemblage of concepts from the philosophy of difference. Finally, we share some results of the cartography that reveals wishes related to issues of subdivision, use and occupation of land; to aspects of landscape composition; and about the notion of security.*

*Keywords: small towns, cartography of wish, architecture and urbanism, South, city and contemporary.*

1 Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Bolsista CAPES. Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPel). Membro do Grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade e da Rede de Pesquisadores de Pequenas Cidades – Mikripoli. E-mail: luanadetoni@gmail.com

2 Professor associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq Cidade+Contemporaneidade. Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestre em Educação e especialista em Patrimônio Cultural (UFPel). Arquiteto e urbanista (UCPel). E-mail: amigodudu@yahoo.com.br

### Introdução

As cidades pequenas remetem à análise de um urbano de outra centralidade, não concentram a maior parcela da população brasileira, entretanto, correspondem a aproximadamente 90% dos assentamentos urbanos existentes (MIKRIPOLI, 2021). Esses territórios são múltiplos de acordo com os aspectos que tangem a localização geográfica, a estrutura econômica, o papel que desempenham na rede urbana e regional, também quanto às suas relações sociais e culturais. Um pouco dessa diversidade será expressa no presente ensaio, que tem como objetivo cartografar o desejo nas cidades pequenas. As experiências compartilhadas são frutos de pesquisas realizadas durante o processo do mestrado<sup>3</sup> no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal de Pelotas, em conjunto com estudos teóricos do grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade<sup>4</sup>.

As publicações sobre as cidades pequenas, sobretudo na área da arquitetura e urbanismo, são carregadas de desejos. É notório o desejo por espaços livres qualificados, em propostas que abrangem ruas, praças, parques, orlas, hortas comunitárias; também são desejadas edificações arquitetônicas que abriguem equipamentos públicos, como mercados, escolas, bibliotecas; entre outros<sup>5</sup>. Contudo, para cartografar os desejos desta outra face do urbano, ainda à margem dos estudos e ações da disciplina de arquitetura e urbanismo, mostra-se indispensável capturar os desejos que surgem destes territórios. Nesse processo, anunciamos como nota introdutória, que é um exercício constante não romancear sobre o imaginário das cidades pequenas como um lugar ideal, assim como nos planos e projetos. Até mesmo os desejos mais comuns lançados sobre as cidades pequenas, de tranquilidade e segurança, podem ser questionados. É necessário dar passagem para múltiplos desejos, sem fantasiar, poupar ou omitir.

Observamos que emerge das cidades pequenas um desejo pelos símbolos do desenvolvimento no contexto do capitalismo neoliberal. Estes, geralmente, são materializados através do edifício em altura, do shopping e do asfalto. Da mesma maneira que o *pensamento único*<sup>6</sup> presente nas metrópoles da contemporaneidade, a noção de desenvolvimento aparece desvinculada das questões locais e subjetivas. Corroboramos com a ideia de Dardot e Laval (2016) sobre a *nova razão de mundo*, que impõem uma subjetivação global, e ao nosso ver afeta também os desejos dos territórios menores e menos capitalizados. Nos atentamos às pequenas cidades numa perspectiva que tange reflexões sobre modos de vida que reverberam muitas vezes em *diferenças e repetições*, ou ainda como *simulacros* (DELEUZE, 1988; 1974). Nesse sentido, podemos refletir sobre a seguinte questão: como o desejo de morar num apartamento, o desejo de comprar num shopping e/ou o desejo de circular sobre o concreto implicam nos modos de vida nas cidades pequenas?

Através do método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995 e GUATTARI; ROLNIK, 1986), a fim de capturar as relações entre modos de vida e os desejos, foram adotados os procedimentos da pedagogia da viagem (DETONI; RESENDE; PINHO; ROCHA,

3 DETONI, Luana Pavan. *Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado. Pelotas, PROGRAU, UFPel, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5360>. Acesso em: jan. 2022.

4 Grupo de Pesquisa CNPq Cidade+Contemporaneidade. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmasc/>. Acesso em: jan. 2022.

5 Esses exemplos podem ser observados nos trabalhos de Arquitetos e Urbanistas publicados na PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, edições n. 19 e 20. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/issue/archive>. Acesso em: jan. 2022.

6 Expressão debatida na obra ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

2017) e da entrevista de manejo cartográfico (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014), juntamente com o agenciamento de conceitos vistos pela filosofia da diferença<sup>7</sup>. O texto está organizado em três partes, a primeira busca apresentar a noção de cidades pequenas e o contexto dos territórios da região Sul do Rio Grande do Sul que serão abordados: Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu. Em seguida, refletimos teoricamente sobre o conceito de desejo, diretamente relacionado ao método cartográfico e aos procedimentos de pesquisa realizados. Por fim, apresentamos alguns dos resultados obtidos nesta cartografia do desejo nas cidades pequenas experienciadas. Em geral, esse processo revelou questões referentes ao parcelamento, uso e ocupação do solo; aos aspectos de composição da paisagem urbana; e sobre a noção de segurança. Ressaltamos que o presente estudo anuncia alguns temas que não pretendem ser esgotados neste ensaio.

### Cidades pequenas

Há certo imaginário sobre as cidades pequenas, como um lugar ideal para crescer e envelhecer. Esse outro urbano, que configura expressivamente o território brasileiro, remete a um modo de vida com ritmo mais tranquilo, mais integrado à natureza, com relações sociais mais próximas. No entanto, algumas generalizações desse desejo de lugar ideal precisam ser destacadas e refletidas. A começar pela compreensão de cidade pequena, visto que essa definição não corresponde a um dado a priori (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013).

Existem muitas nuances entre os núcleos urbanos que podem ser compreendidos no escopo das cidades pequenas. Ou seja, apesar de apresentarem uma relação com os patamares mínimos, quanto ao porte demográfico, territorial e funcional (ENDLICH, 2017), observamos diferentes perspectivas e distintas definições sobre essas cidades. A complexidade mínima de urbanização é diversificada de acordo com o contexto social, econômico e locacional. Por exemplo, uma pequena cidade turística no litoral apresenta uma dinâmica completamente diferente de uma pequena cidade no interior do estado, cuja economia pode ter forte relação com a produção rural. Ambas, ainda, se diferenciam de pequenas cidades com localização adjacente a áreas metropolitanas, que podem apresentar contextos mais industrializados ou serem predominantemente residenciais, atuando nesse caso como cidades dormitórios.

São múltiplos os cenários de cidades pequenas possíveis. Desse modo, a rede de pesquisadores Mikripoli (2021), dedicada ao estudo da temática, sugere que sejam realizadas análises interescares, que abranjam o contexto regional e a dinâmica de rede urbana estabelecidas. Segundo Sposito (2009) a região é o principal quadro de referências para compreender as cidades médias e pequenas. A rede de pesquisadores também aponta para a necessidade de estudos mais aproximados, que possibilitem a captura de outras centralidades, análogo ao que propõem a temática desta edição da revista *Pixo*, é preciso *re-situar o norte*. Nesse sentido, a fim de avançar na reflexão aqui proposta sobre o desejo, partimos do estudo do contexto regional, para selecionar as cidades pequenas que serão cartografadas, e assim vamos nos aproximando cada vez mais das singularidades destes territórios.

O delineamento das cidades pequenas a serem investigadas ocorreu em 2016, a partir da regionalização estabelecida pelo IBGE em 2007. Devido a nossa proximidade física,

<sup>7</sup> Os filósofos da diferença – como Foucault, Deleuze, Guattari e Derrida, entre outros – fazem parte de uma linha filosófica que tem como expoentes Espinosa, Bergson e Nietzsche. A filosofia da diferença, vinculada ao movimento pós-estruturalista, se interessa pela diversidade, pluralidade e singularidade, ao invés de uma ideia universal e total que contém partes singulares (PETERS, 2000).

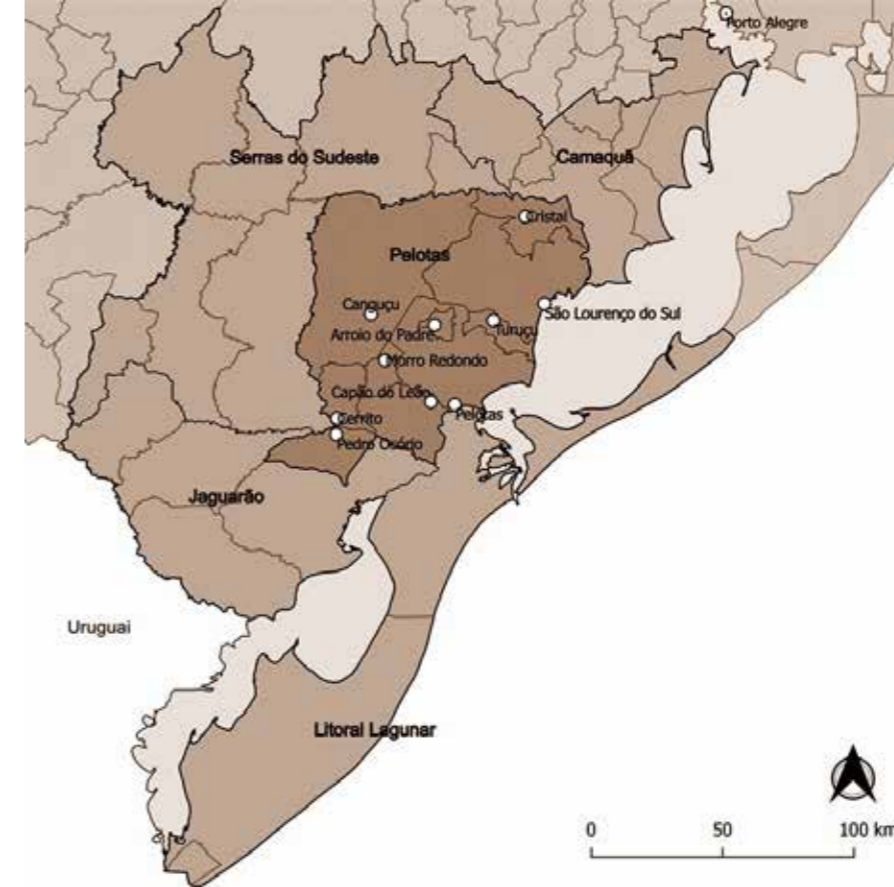


Figura 1 - Municípios da Microrregião de Pelotas, localizada na Mesorregião Sudeste do Rio Grande do Sul. Fonte: Detoni, 2018.

buscamos compreender a Microrregião de Pelotas (figura 1), que juntamente com as microrregiões Jaguarão, Litoral Lagunar e Serras do Sudeste, compunha a Mesorregião Sudeste do estado do Rio Grande do Sul. Nesta organização, a Microrregião de Pelotas abrange dez municípios: Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu, totalizando uma população de 482.915 habitantes, em uma área de 10.331,5 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

Observamos que Pelotas corresponde a noção de cidade média (SPOSITO, 2009), não apenas por ser o centro urbano mais populoso da região, estimado em 343.826 habitantes (IBGE, 2021), mas devido ao seu papel de intermediação na rede urbana em questão, pois estabelece conexões com outras centralidades da Mesorregião e do estado como um todo. Se constitui como cidade polo da porção sul do Rio Grande do Sul, especialmente pela sua importância na oferta de serviços de saúde e educação especializados (CNES, 2017; MEC 2017). Estes serviços impulsionam expressivo deslocamento pendular das demais cidades até Pelotas. As viagens em busca de saúde são realizadas, geralmente, pela frota municipal, através de ambulâncias, carros ou vans. Enquanto, os deslocamentos em razão da busca por educação acontecem por meio de vans, micro-ônibus e ônibus, que usualmente são contratados pelas associações de estudantes, algumas das quais possuem auxílio do município de origem. Também é comum uma articulação intermunicipal para atender a demanda dos estudantes, por exemplo, uma única linha com origem em Cristal, às vezes, também contempla São Lourenço do Sul e Turuçu, municípios que estão na rota até Pelotas.

Dentre as cidades da região, além de Pelotas, Capão do Leão e São Lourenço do Sul possuem Instituições de Ensino Superior Federal. Sendo a instalação de um campus da UFPel anterior ao processo de emancipação do município de Capão do Leão. No caso de São Lourenço do Sul, a Universidade Federal do Rio Grande tem lá a extensão de um de seus campus. Estas duas cidades, juntamente com Canguçu, se diferenciam das demais também devido ao número da população total. No entanto, cada uma apresenta uma dinâmica demográfica peculiar (IBGE, 2010): em Canguçu a maior parte da população reside na área rural (64% dos 53.259 hab.); em São Lourenço do Sul 56% da população é urbana (ao total 43.111 hab.), e esta aumenta significativamente durante a alta temporada de turismo na Costa Doce; e Capão

Municípios da Microrregião de Pelotas	População Estimada 2021 (Hab)	População Total 2010 (Hab)	População Urbana 2010 (%)	Área Municipal (km <sup>2</sup> )	Densidade demográfica (Hab/Km <sup>2</sup> )
Arroio do Padre	2.966	2.730	16	124,3	21,96
Canguçu	56.370	53.259	36	3.535,3	15,11
Capão do Leão	25.462	24.298	92	785,4	30,94
Cerrito	6.005	6.402	58	451,7	14,17
Cristal	8.121	7.280	56	681,6	10,68
Morro Redondo	6.609	6.227	42	244,6	25,45
Pedro Osório	7.683	7.811	92	608,8	12,83
Pelotas	343.826	328.275	93	1.610,1	203,89
São Lourenço do Sul	43.501	43.111	56	2.036,1	21,17
Turuçu	3.408	3.522	42	253,6	13,89

do Leão predominantemente urbana (92% dos 24.298 hab.) possui uma dinâmica conurbada com Pelotas, pois recebe expressivo número de estudantes e exporta muitos trabalhadores cotidianamente.

As demais cidades da região – Arroio do Padre, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório e Turuçu – apresentam menos de 10.000 habitantes, tabela 1, (IBGE, 2010; 2021). Sendo Pedro Osório a cidade mais urbana (92%) e com maior população total (7.811hab.) e Arroio do Padre a cidade mais rural (84%) e com menor população total (2.730 hab.). Essas seis cidades também correspondem às menores áreas de território municipal da região. Observamos ainda, que nesta última década, apenas Arroio do Padre e Cristal não apresentaram um decréscimo populacional, segundo a estimativa populacional publicada em 2021 pelo IBGE.

Embora, se relacionem através dos patamares mínimos, cada uma destas cidades apresenta uma dinâmica singular. Segundo Endlich (2006), a compreensão das dinâmicas relevantes para as cidades pequenas geralmente ultrapassa um recorte espaço-temporal categórico, sendo necessário procurar informações para além do espaço e do tempo propriamente delineado. Nesse sentido, procuramos, a seguir, abordar além da análise demográfica, as relações morfológicas e interescares dadas pela rede urbana estabelecida na microrregião estudada, juntamente com a história dos processos de emancipação que originaram essas cidades.

Arroio do Padre, Morro Redondo e Turuçu são as cidades mais próximas geograficamente de Pelotas. Esse fato evidencia a formação original desse território e seus processos de emancipação. Pelotas, originalmente denominada Freguesia de São Francisco de Paula, foi fundada em 1812, elevada à categoria de vila em 1832 e à cidade em 1835, a partir de então com seu nome atual. Dessa formação, foram desmembrados os municípios de Capão do Leão, em 1982; Morro Redondo, em 1988; Turuçu e Arroio do Padre, na década de 1990 (DETONI, 2018). **Arroio do Padre** constitui um território polinucleado, com seis núcleos urbanos, cada uma com sua escola, comércio, igreja e cemitério, somados a poucas residências. Além de ser enclave de Pelotas, localiza-se no extremo da rodovia estadual RS-737, como *um fim de linha*, configura um território cercado e isolado. A cidade de **Morro Redondo** se originou no entorno de uma importante via de acesso entre Pelotas e Canguçu. Era um típico lugar de passagem e parada. Porém, desde a construção da BR-392, na década de 1950, essa não é mais a principal rota entre as duas cidades. Sua urbanização linear é segregada em duas partes, o morro de cima e o morro de baixo, segundo topônimo atribuído

pela população, nos chama a atenção que embora seja invisível esta divisão, cada morro possui sua igreja anglicana e seu time de futebol. A origem de **Turuçu** não se relaciona com o surgimento de uma rodovia, mas sofreu grande transformação e impulsão na década de 1960, quando a BR-116 foi construída, principal via de acesso dos municípios da porção sul à capital do estado, Porto Alegre. Outra diferença em comparação com Morro Redondo é que em Turuçu a área urbanizada encontra-se apenas de um lado da estrada.

Seguindo o histórico de formação das cidades (DETONI, 2018), no ano de 1959, Cerrito e Olimpo, localidades rurais conectadas pela ponte sobre o Rio Piratini, se uniram politicamente a fim de se emancipar, respectivamente, dos municípios de Canguçu e Arroio Grande, e formaram um novo município denominado de Pedro Osório. Posteriormente, em 1995, foi realizado plebiscito popular no qual a comunidade cerritense decidiu elevar Cerrito à categoria de município. A porção que corresponde hoje à **Pedro Osório** tem características predominantemente urbanas, cuja área central foi revitalizada, com obras de paisagismo no canteiro central, de alargamento das calçadas na via comercial, também observamos a instalação de unidades habitacionais pelo programa Minha Casa Minha Vida. A área rural deste município configura-se pela estrutura latifundiária, para produção tradicional de arroz, e mais recentemente de soja, evidenciando uma agricultura cada vez mais mecanizada. Diferentemente **Cerrito** apresenta apenas 60% da sua população na área urbana, possui muitas comunidades rurais, fato que está diretamente relacionado a estrutura fundiária de pequena propriedade e a prática de agricultura familiar com produção diversificada no município. As duas cidades apresentam um tecido urbano xadrez, com as edificações centrais predominantemente construídas no alinhamento predial.

Os processos de emancipação municipal são relevantes aos estudos das cidades pequenas, especialmente no Brasil, devido à estreita associação formal entre o município e a cidade, a emancipação atua como via de acesso à instalação de importantes serviços e equipamentos urbanos (ENDLICH, 2006). Observamos, no entanto, uma forte interdependência entre Cerrito e Pedro Osório, cujas áreas urbanas são bem próximas, por exemplo, os dois municípios compartilham o mesmo hospital. Cerrito, emancipado de Pedro Osório há pouco mais de duas décadas, aplica parte dos seus recursos de saúde no município vizinho, o que permite que a população desfrute em conjunto de tal equipamento, ao mesmo tempo que auxilia a sua manutenção (DETONI, 2018).

Finalizando a síntese das origens e conformações dos municípios da microrregião, registramos que **Cristal** foi desmembrado de Camaquã e emancipado em 1988 (IBGE, 2010). Assim como em Turuçu, a BR-116 exerce grande influência, ainda mais devido ao fato que a rodovia corta a sua área urbanizada. Na última década, junto com a duplicação da BR-116, foram realizadas obras neste trecho a fim de preservar a segurança dos transeuntes. A localização de Cristal dista aproximadamente 100 quilômetros de Pelotas e 150 de Porto Alegre. No entanto, a proximidade histórica e geografia com Camaquã (31,1 Km), evidencia este município como sua principal referência para serviços de saúde (DETONI, 2018). Podemos observar essa relação através da atualização da regionalização do IBGE (2018), onde Cristal passa a integrar a Região Imediata de Camaquã, sub-região que integra a Região Intermediária de Porto Alegre.

Em busca de desvelar vínculos que compõem as cidades pequenas, Endlich (2006) apresenta reflexões baseadas em dois pontos principais: o ritmo e a sociabilidade nas cidades pequenas, sendo outros assuntos decorrentes dos desdobramentos desses. Corroboramos com a autora, assim adentramos a escala intraurbana, para experienciar os territórios a nível do transeunte, com o objetivo de cartografar o desejo. Em geral, as

idades pequenas são parte de um desejo do urbano marcado por um ritmo mais lento e humanizado. Mas nos questionamos também sobre o que a população das cidades pequenas tem desejado?

### Cartografia do desejo

*Ou se tem chuva e não se tem sol,  
ou se tem sol e não se tem chuva!*

*Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
ou se põe o anel e não se calça a luva!*

*Quem sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.*

*É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!*

*Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.*

*Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...  
e vivo escolhendo o dia inteiro!*

*Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranqüilo.*

*Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.*

Cecília Meireles, 2012.

Escolher isto ou aquilo, ou aquilo a isto, é uma prática que faz parte do nosso cotidiano. Como no poema de Cecília Meireles (2012) ou se tem isto ou se tem aquilo. Observamos, no entanto, que há um desejo que impulsiona à escolha, implícita ou explicitamente. Um desejo que acolhe o outro que não foi escolhido, como um referencial. Esse outro pode parecer simplesmente o oposto, mas na verdade está inserido na sua própria concepção, impregnado no ato da comparação que precede a escolha. Assim como, o poema nos faz refletir: só desejamos o sol diante da chuva e vice-versa.

Nesse sentido, podemos pensar sobre o desejo da cidade pequena e o desejo da cidade grande como faces de uma mesma moeda. Noção que remete ao conceito nietzschiano de *eterno retorno*, continuado por Deleuze na obra *Diferença e Repetição* (1988), e serve como uma chave para ultrapassar certos antagonismos e apreender relações de complementaridade e sobreposição. No contexto da cidade contemporânea, Clarissa da Costa Moreira (2004) evidencia que o desejo da tabula rasa contém em si também o desejo de preservação. Outra perspectiva sobre os desejos remete à noção de *simulacro*, que evidencia uma força de criação pela potência do *devir*. “O simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução” (DELEUZE, 1974, p. 267).

Para refletir sobre a noção de desejo em relação às cidades pequenas, estabelecemos um plano teórico, que captura o conceito de desejo pela filosofia da diferença. Na obra *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010)

se colocam em desacordo com a interpretação da psicanálise e propõem uma teoria diferente para o entendimento do desejo. Para os autores o desejo é impulsionado pelo conceito de rizoma, eles afirmam que é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Sendo a cartografia, um dos princípios que definem esse conceito, no sentido de que o rizoma não possui uma estrutura passível de reprodução ou decalque (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Destacamos aqui a potência do desejo para criação cartográfica.

Em *O Abecedário de Gilles Deleuze*, a entrevista sobre a letra D anuncia o conceito de desejo (DELEUZE; PARNET, 1997, p. 17-24). Deleuze afirma que nunca se deseja algo isolado; deseja-se bem mais. Também não se deseja um conjunto; deseja-se em um conjunto. Em continuidade, fala que o questionamento colocado com o *anti-édipo* consiste em perguntar: “qual a natureza das relações entre elementos para que haja desejo, para que eles se tornem desejáveis?” Esse questionamento se deve a que o desejo decorre em um contexto de vida onde o sujeito organiza o desejo em relação não apenas com a paisagem em que está inserido, mas com as pessoas com quem se envolve e com as atividades que desenvolve. Em síntese, para o filósofo: “Sempre se deseja um todo; não apenas algo ou alguém”.

Seguindo as falas da entrevista, nota-se que o ato de desejar requer construir um conjunto, fazer um agenciamento. O desejo visto como construtivismo está associado a três noções do *anti-édipo*: (i) as multiplicidades do inconsciente; (ii) o delírio como delírio-mundo, e não exclusivamente o delírio-família; (iii) o inconsciente como máquina, como fábrica de criação avessa à cenografia passível de reprodução. Para que um desejo aconteça é necessária ainda uma diferença de potencial, uma hostilidade, uma reação contra as concepções dominantes. Desse modo, é preciso romper a imagem ou imaginário de uma cidade pequena para provocar a potência do desejo.

A compreensão sobre o conceito de desejo, revela que este é revolucionário. O desejo sempre requer mais conexões e mais agenciamentos. Segundo Suely Rolnik (2006), a ética do cartógrafo é concebida pela análise do desejo, ou seja, pela análise das linhas de fuga, do que foge à regra, evocando uma sensibilidade à *desterritorialização*, que confronta a realidade e cria outras possibilidades. Isso porque é possível falar dos desejos de uma cidade pequena, dos desejos de um sujeito que é coletivo, que se subjetiva e é subjetivado, dos desejos presentes nos outros modos de vida possíveis nesse urbano de outra centralidade.

Faz-se necessário constituir uma teoria da subjetividade que comporte tais singularidades e sua potência de transfiguração. Isso implica deslocar-se radicalmente de um modelo identitário e representacional, que busca o equilíbrio e que, para obtê-lo, despreza as singularidades. Trata-se de apreender a subjetividade em sua dupla face: por um lado, a sedimentação estrutural e, por outro, a agitação caótica propulsora de devires, através dos quais outros e estranhos eus se perfilam, com outros contornos, outras linguagens, outras estruturas, outros territórios (ROLNIK, 1999, p. 210).

Com base neste plano teórico, que entrelaça o conceito de desejo à cartografia, afirmamos a cartografia, como método de pesquisa. A exemplo do trabalho das *Cartografias do desejo* realizado a partir da viagem de Félix Guattari ao Brasil em 1982, à convite de Suely Rolnik. Entendemos a cartografia como um *hódos-metá*, que compreende *hódos* como caminho ou direção e *metá* como reflexão, raciocínio ou verdade, desse modo a cartografia fomenta um processo que possibilita à pesquisa traçar suas metas ao longo do percurso (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014). Para tal foram adotados dois procedimentos a fim de auxiliar a sensibilidade deste processo

que anuncia inúmeras possibilidades: a pedagogia da viagem e a entrevista de manejo cartográfico.

A pedagogia da viagem corresponde a um procedimento de ensino-aprendizagem que evoca a experiência (DETONI; RESENDE; PINHO; ROCHA, 2017). A viagem cria possibilidades de apreender a vida, a ciência e a educação para além do pensamento dual, cujos termos permitem somente dois extremos, comum às pedagogias tradicionais das salas de aula. Esta pedagogia busca experienciar o cinza, os lugares do entre, as frestas das cidades, a fim de expressar relações provocadas pelos encontros. O processo de viagem para as seis cidades pequenas pesquisadas, pode ser compreendido em três momentos, como o *ritornelo deleuziano*: o *território*, que precede a viagem, analogamente à bagagem que temos para levar conosco; o *desterritório*, causado pelo ato da viagem em si, momento de ver, ouvir, sentir e vivenciar, deixar-se *afectar* e ser conduzido pelos desejos, pela necessidade do conhecimento, que as experiências nas cidades podem provocar; e o *reterritório*, quando retornamos, momento de reflexão, entre a ação e a reação, encontro dos planos intensivos e extensivos, propício a criação cartográfica.

A pedagogia da viagem conduz a busca por perguntas, uma vez que as respostas não as extinguem ou reduzem. Relacionamos então junto a viagem o procedimento das entrevistas de manejo cartográfico (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014). Estas se aproximam de uma conversa, buscam acolher os diversos assuntos e atravessamentos que surgirem, sendo a formulação da pergunta apenas uma maneira de iniciar o processo. Ao longo das viagens foram agendadas entrevistas com profissionais arquitetos e urbanistas, atuantes ou que atuaram nas cidades. Nesse processo foram entrevistados profissionais do serviço público das prefeituras de Cerrito, Pedro Osório e Morro Redondo, destacamos que estes eram regulamentados através de contratos temporários ou cargos comissionados, não houveram registros de profissionais arquitetos e urbanistas concursados no quadro técnico dos municípios. Também foram entrevistados arquitetos e urbanistas autônomos que trabalharam em Cerrito, Pedro Osório, Morro Redondo e Cristal, com exceção do profissional de Cristal os outros tinham obras em mais de uma cidade da região, incluindo Pelotas, cidade de formação de todos os entrevistados. Em Turuçu, obteve-se registro de um arquiteto que atuou na prefeitura, no entanto não foi possível entrevistá-lo. Em Arroio do Padre, não havia registros. Nas duas últimas cidades mencionadas, tampouco foi possível entrevistar profissionais autônomos.

As experiências a partir das viagens nas pequenas cidades, bem como o ato e o registro das entrevistas, foram essenciais para o exercício de agenciar o conceito filosófico de desejo que será compartilhado a seguir.

### Experiências na região Sul do Rio Grande do Sul

Não há uma definição única e totalmente adequada, que possa responder às questões do que são cidades, como elas surgem e quais funções desempenham. O significado de cidade e sua origem são obscuros (MUMFORD, 1985). Contudo, compreender as funções que a impulsionaram, assim como, as suas transformações, que surgem das necessidades e dos desejos de como viver nas cidades, pode ser um caminho para pensar outras possibilidades para a vida humana.

É inegável que existe no desejo da cidade pequena um desejo pela cidade grande, visto nos símbolos do desenvolvimento. Observamos que a população deseja o edifício em altura, o shopping e o asfalto. Também existe no desejo das grandes cidades um desejo pelas pequenas, que é exaltado pelas condições de segurança,

tranquilidade, vizinhança e proximidade com o ambiente natural. A experiência desses desejos corrobora com a ideia das *duas faces de uma mesma moeda*, como visto em Deleuze (1988) e em Moreira (2004). Nesse sentido, nos atentamos às pequenas cidades, numa **perspectiva sobre o desejo que tange reflexões sobre os modos de vida, dados por relações de diferenças e repetições, ou ainda, como simulacros** (DELEUZE, 1974). Como o desejo de morar num apartamento, o desejo de comprar num shopping ou o desejo de circular sobre o concreto podem implicar nos modos de vida das cidades pequenas?

Tal questão pode ser diretamente relacionada aos processos de **parcelamento, uso e ocupação do solo**. Em Morro Redondo, encontramos os exemplos mais significativos sobre este aspecto. Quando perguntamos se era possível identificar desejos característicos das cidades grandes, uma arquiteta e urbanista que atua de forma autônoma na cidade respondeu:

Olha, o pessoal de lá quer coisa boa, eles sabem que existem tecnologias diferentes e eles querem [...]. Talvez um tempo atrás não, mas hoje eles querem casas contemporâneas, diferentes [...]. Morro Redondo tem shopping agora [...]. Vai ter até prédio, tipo uma Cohabpel [...]. Não sei onde vai ser o projeto, eu só vi uma imagem no Facebook. Mas são bem próximos os edifícios uns dos outros, acho que são três andares, bem diferente das residências que tem lá [...] (DETONI, 2018, apêndice B).

O anúncio deste projeto para habitação multifamiliar nos chamou atenção, pois além de destoar dos modos de morar existentes, também não estaria de acordo com as diretrizes urbanas do município. Em outra entrevista, um arquiteto e urbanista, que participou da concepção do Plano Diretor de Morro Redondo, até sua aprovação em 1995, e atuou muitos anos na prefeitura, nos relatou que este pode ser considerado uma exceção. Devido à forma como foi elaborado e pelo condicionamento das diferenças, implicadas pelo modo de vida local, nas suas proposições. O Plano foi construído de forma conjunta entre a prefeitura, que dispunha de um quadro técnico de arquitetos e estagiários, dentre outros profissionais, e a participação de professores e alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que estavam envolvidos em um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas. Na década de 1990 já havia tensionamentos sobre a importância da participação popular na construção dos planos e projetos urbanos. Entretanto tal garantia só foi fundamentada nos anos 2000, com o Estatuto da Cidade. Ainda que a representação dos municípios se restringisse aos poderes Executivo e Legislativo, segundo o arquiteto e urbanista, a população esteve presente no cerne das proposições, que evidenciam um caráter rural nas atividades dos morro-redondenses, por exemplo:

O tamanho do lote, a nossa ideia inicial era 20 x 40, não conseguimos. Aprovamos 12 x 40. Mesmo assim, tinha um tamanho bem generoso com a peculiaridade de lá, que o pessoal tinha muita coisa no pátio, muita horta. Isso é uma coisa que a gente conseguiu. O processo do Plano foi bem válido, e acho que isso ficou. O gabarito das ruas foi muito importante. De início, foi uma dificuldade porque o pessoal não entendia. Tínhamos uma calçada de 4 metros de largura, e o pessoal achava que era muito grande, comparavam com Pelotas. O referencial deles é Pelotas, que é uma cidade histórica e não tem espaço para arborização. Então, ficou um legado bem interessante que foi esse processo [...] (DETONI, 2018, apêndice E).



No período desta pesquisa (2016-2018), a administração pública vigente negou acesso a cópia da lei do Plano Diretor, ainda não digitalizado, alegando que municípios com menos de 20 mil habitantes não teriam essa obrigatoriedade. Realmente, esta informação condiz com o estabelecido pela Constituição Federal de 1988 e posteriormente pelo Estatuto da Cidade (2001), no entanto, a lei uma vez aprovada no município só deixará de ser vigente quando revogada, fato que até onde pudemos consultar não ocorreu. Conseguimos um acesso parcial através de uma dissertação que analisou o Plano em questão (MACIEL, 2009). Na imagem de satélite atual (Figura 2), podemos observar a construção do empreendimento multifamiliar concluída, forma urbana que se sobressai pela diferença das demais edificações habitacionais deste território. No entanto, essa obra configura também um processo de repetição, visto pela homogeneização da maneira de habitar nas cidades.

Em casos como este, questionamos se há uma falha na proposição ou na falta de atualização dos Planos? Neste ensaio, também refletimos se esta seria uma crise dos desejos? Uma vez que, estes desejos não nos parecem ser revolucionários, como indica Rolnik (2006), mesmo que sejam frutos de um *dellírio-mundo* como apreendido na noção de *anti-édipo* (DELEUZE; PARNET, 1997), são como cenografias, ou seja, passíveis de reprodução. Existe uma singularidade na concepção desses desejos ou estes são meramente impostos pelo mercado imobiliário? Podemos observar que a subjetivação neoliberal reverbera certa homogeneização dos desejos até mesmo nos centros menos globalizados, como em Morro Redondo. Notamos que a verticalização das cidades pequenas é uma crescente (MANFIO, 2021), apesar de que o modo de morar num apartamento possa ser genérico, sobretudo quando a paisagem da janela revela apenas outra edificação.

Ainda, sobre o parcelamento, uso e ocupação do solo, destacamos a experiência de uma arquiteta e urbanista que atua nas cidades de Cerrito e Pedro Osório. No período que corresponde ao seguinte relato, ela atuava junto à gestão pública do município de Pedro Osório na proposta de saneamento do esgoto para um conjunto de residências de uma comunidade. Os modos de vida da população, associados ao cultivo de hortas e criação de pequenos animais no quintal, atribuíam à área privada dos seus terrenos

um valor diferente do estabelecido pela proposta que visava uma solução individual para o esgoto de cada unidade habitacional.

Nós não temos uma estação de tratamento, não temos esgoto encanado para um tratamento público. São usados fossas e sumidouros, mas existem situações que as famílias estão colocando aquele esgoto para frente, com vala aberta, então tu queres eliminar aquilo. [...] Mas eles diziam: “não, porque meu pátio tem horta, eu não vou obstruir todo o meu pátio, eu não tenho onde botar esse esgoto”. Tem locais que não conseguimos ter um consenso, a gente teve que recuar e esperar um outro momento para intervir naquela comunidade porque senão as pessoas não aceitam [...]. Claro, isso era uma questão de saúde pública. Elas queriam que nós tubulássemos as valetas e conduzíssemos aquele esgoto para outro local. Mas e se tu não tens onde colocar? Eu não tinha onde colocar o esgoto [...] (DETONI, 2018, apêndice D).

Imaginamos que avesso ao que capturamos em Morro Redondo, estes desejos partem dos moradores que buscam defender a manutenção dos espaços livres e produtivos dos seus terrenos. Esse tensionamento, apesar de expressar uma reivindicação sobre a propriedade privada, evidencia uma força coletiva, e por consequência, demandou uma solução coletiva e fez os envolvidos, técnicos e gestores, repensar suas ações. Apesar das devidas ressalvas por se tratar de uma questão de saúde pública, observamos em meio aos desejos dos moradores uma alternativa distinta da sugerida. Uma estação de tratamento de esgoto (ETE) municipal, pode ter custos mais elevados inicialmente, devido a necessidade de adquirir um terreno e instalação da rede. No entanto, esses custos quando analisados pela eficácia, manutenção e abrangência, podem ser reavaliados, especialmente se confrontados com as demandas e valores atribuídos pelos desejos da população.

Outra reflexão que pontuamos, diz respeito a referência direta à cidade polo, na fala dos dois profissionais e nos anseios da população em Morro Redondo. Tanto nos edifícios multifamiliares, semelhante a Cohabpel, localizada na zona norte de Pelotas, quanto nos parâmetros para a dimensão das calçadas. Acreditamos que a reivindicação por uma estação de tratamento de esgoto (ETE) em Pedro Osório, também possa ter como base a infraestrutura urbana de um centros mais populosos. Desse modo, entremeados às noções de diferença e repetição emergem os simulacros. Há nas cidades pequenas uma urgência de criação, que nega a mera reprodução, assim como, a manutenção do seu estado.

Os exemplos acerca do parcelamento, uso e ocupação do solo relatados também refletem diretamente na **composição da paisagem**. Para ilustrar tal aspecto, selecionamos a cidade que mais nos instiga a esta reflexão: Turuçu (figura 3). Observamos na viagem à pequena cidade, especialmente durante o percurso, que sua área urbanizada tem se estendido intensivamente de forma paralela à BR-116. Podemos verificar mais de um quilômetro linear, com casas dispostas longitudinalmente, sem a existência de uma rua transversal. As edificações de alvenaria, muitas vezes sobrados, destoam das construções presentes nos núcleos informais, no entanto, essa área também evidencia uma precarização da urbanização. Diferentemente, na porção urbana mais antiga de Turuçu encontramos ruas com alamedas centrais, nos chama atenção um cuidado singular com esta paisagem, visto que as árvores abrigam orquídeas e são entremeadas por roseiras.

A rua é o *espaço livre* por excelência, através dela ocorrem as conexões e as trocas entre a propriedade privada e a esfera pública da cidade. A ausência de ruas corresponde à



ausência de produção de cidade e suas dinâmicas e benefícios correlatos. A expansão linear que relatamos ficou mais intensa recentemente, e nos remete a uma carência de desejos, típico de uma vida como máquina, quando a residência é máquina de morar e as ruas máquinas apenas de circular. Como nas cidades dormitórios, locais de reserva de força de trabalho. Nesse caso, é difícil não expressarmos os nossos próprios desejos, de uma cidade mais conectada com a natureza, com paisagens que ofereçam uma experiência multissensorial. Sobretudo, que fomenta fluxos e encontros, uma vida de troca entre a população, e da população com o ambiente também. Associamos que durante o processo de pesquisa, não conseguimos contatos com arquitetos e urbanistas atuantes ou que atuaram nesta pequena cidade. Seria papel destes profissionais impulsionar o desejo por paisagens urbanas qualificadas?

Em Pedro Osório, verificamos a presença de inúmeros arquitetos e urbanistas na gestão administrativa vigente. Na viagem à cidade, nos surpreendemos ao encontrar um núcleo urbano bem consolidado, com bancos, comércios, rodoviária, hotel. O que mais nos chamou atenção foram os espaços livres projetados, destacamos duas obras recentes da cidade: a praça no canteiro central e o alargamento da calçada na rua comercial (figura 4). Um dos arquitetos e urbanistas entrevistados atuou nestes projetos e comentou o quanto estes transformaram a paisagem urbana da cidade. Apesar das dificuldades iniciais quanto à aceitação da população, ele acredita que esta tenha ficado satisfeita com os resultados.

No projeto da Avenida Presidente Vargas [...]. A ideia era seguir aquele alargamento das calçadas até a prefeitura, por isso teve uma mudança no sentido de acesso na rodoviária [...]. Os donos das lojas da avenida não queriam a intervenção de jeito nenhum. Eles estavam preocupados com seus negócios e não com a qualidade da rua [...]. No projeto da Praça Sete Alan [...]. Aconteceu muito de as pessoas roubarem as plantinhas que a gente colocava, eram todas mudinhas pequenas [...]. O pessoal gostou do projeto, foi uma grande transformação porque era uma praça de chão batido, terra, totalmente diferente. Era tudo esquecido, os bancos quebrados, não



tinha lixeira, não tinha iluminação, não tinha nada. A gente renovou ela [...] (DETONI, 2018, apêndice F).

Ainda sobre sua atuação no contexto da pequena cidade, o arquiteto e urbanista apontou algumas dificuldades, como a ausência de uma legislação urbana específica do município e de dados cadastrais da área urbanizada, com o desenho das ruas, quarteirões, lotes e edificações. Ele mencionou que costumava consultar estas informações na internet, com base na legislação de outras cidades, e realizou os levantamentos cadastrais que precisava através de imagens de satélites disponíveis em mapas online, no entanto, não havia uma sistematização destes dados em curso. Visto por estas dependências, podemos dizer que os desejos de descentralização do poder para a esfera dos municípios, anunciada na Constituição de 1988, não é efetiva no contexto das cidades pequenas, será preciso um longo processo, que deverá incluir as questões fundamentais para as políticas urbanas.

Por fim, o último aspecto que destacamos diz respeito à noção de **segurança**. É recorrente a idealização das cidades pequenas como seguras, esse é um dos principais desejos sobre estes lugares. No entanto, Fernandes e Endlich (2021, p. 133) apontam que “a concepção de que a cidade pequena é um local tranquilo e seguro para se viver deve ser relativizada, assim como a associação entre pequena cidade e tranquilidade deve ser desconstruída.” Corroboramos com os autores, sobretudo a partir dos relatos dos arquitetos e urbanistas de Cristal e Pedro Osório. Ambas cidades haviam sofrido assaltos, em Cristal justificava-se por ser uma cidade de passagem, e assim, fácil de fugir. Diferentemente, em Pedro Osório se justificava por ser mais isolada, local onde a polícia teria menor acesso.

Na experiência da viagem às cidades estudadas, notamos a presença de alguns dispositivos de segurança, como grades altas, cercas elétricas, concertinas e placas de vigilância (figura 5). Embora mais recorrentes em Pedro Osório, Cerrito e Cristal, destacamos que estes dispositivos eram pontuais, ou seja, configuram mais uma exceção do que uma regra. Por outro lado, sem muros, grades ou quaisquer dispositivos, a segurança em Arroio do Padre nos remeteu a tipologia de condomínio fechado (DETONI, 2018). Esse *simulacro* despertou inúmeras reflexões acerca do agenciamento do conceito de desejo. Os desejos de morar em condomínios fechados nas cidades grandes revelam um desejo sobre a ambiência das cidades pequenas? Como são essas relações de vizinhança e com a paisagem natural inventadas? Existe nas cidades pequenas um desejo de se isolar, de controlar os acessos, de restringir a existência do outro, o estranho ou estrangeiro?

A noção de segurança não é precisa, apresenta uma forte relação com os processos de subjetivação impostos pelo contexto hegemônico, também diz respeito à subjetividade de cada indivíduo. Porém a materialização destes dispositivos de segurança oferece uma sensação contrária, de insegurança. Por outro lado, uma paisagem sem muros ou com cercas baixas, por exemplo, retrata um aspecto de segurança. Sendo assim, podemos dizer que o desejo por segurança é complexo e contraditório.



Os três aspectos anunciados nesta cartografia estão diretamente correlacionados. A produção da paisagem urbana e dos modos de morar nas cidades implicam em questões de segurança física e social, também na segurança alimentar e cultural como vimos nas práticas de cultivo da população das cidades experienciadas. E tudo isso é condicionado pelos processos de parcelamento, uso e ocupação do solo, que correspondem aos principais instrumentos dos arquitetos e urbanistas para regulamentar, projetar e planejar as cidades.

### Considerações iniciais

Acreditamos que o urbano marca um ritmo, não só uma frequência, mas um modo de viver e pensar a cidade. Atributos como a tranquilidade e a facilidade de locomoção são retratados nas cidades pequenas, através, por exemplo, da máxima de sentar na calçada e ver a vida passar, e pela caminhabilidade, fruto das proximidades dos deslocamentos necessários. Essas percepções de calma e acessibilidade, assim como o desejo, não acontecem de forma isolada. Elas decorrem de uma apreciação comparada a outros ritmos, marcados por outros cotidianos, ritmos regulados muitas vezes pela sofreguidão diante da intensidade e dos excessos das grandes cidades. Isso torna as cidades pequenas sagradas e desejadas, a partir da valorização dos seus moradores, sobretudo por seus observadores.

A partir desta cartografia do desejo, ressaltamos que as cidades pequenas não correspondem a miniaturas das cidades grandes, mas sim a um urbano expresso por manifestações específicas de um cotidiano que resiste, se apropria e reinventa certos padrões. No entanto, as análises das cidades pequenas acabam sendo sempre imbuídas de um referencial comparativo, por exemplo, dos parâmetros de outras formas de vida urbana que estão vinculadas às cidades maiores. Notamos que precisamos também levar em conta que as experiências vividas em outras cidades, usualmente em busca de serviços de saúde e educação, ou até mesmo através da mídia, têm uma abordagem basicamente metropolitana, assim como a ciência, a política, a literatura, a arquitetura e o urbanismo.

A experiência da viagem nas seis cidades estudadas possibilitou expor um território único e repleto de singularidades, que transborda os limites das teorias sobre cidades pequenas. As entrevistas de manejo cartográfico com os arquitetos e urbanistas buscaram romper com a ideia de um registro tradicional, os resultados compartilhados

neste ensaio emergiram destes encontros. A experiência vivida no processo de pesquisa possibilitou uma processualidade nesta escrita, que foi revisitada e acrescida. Na cartografia, o material a ser pesquisado não é apenas coletado (decalque), ele é produzido (mapa). Tal produção requer uma cognição capaz de inventar, criar e desejar outros mundos possíveis.

Cada vez mais, observamos que a impossibilidade do desejo de estar em dois lugares ao mesmo tempo, anunciada no poema de Cecília Meireles, tem sido desafiada. Seja pelo caos da fragmentação e sobreposição da *cidade collage* (ROWE; KOETTER, 1998), ou pela homogeneização dos planos e projetos como exposto na crítica ao *pensamento único* (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2000). Somos assombrados por uma constante crise dos desejos (GUATTARI; ROLNIK, 1986), sobretudo, nesta experiência de teletrabalho e de ensino remoto, estabelecida no cenário da pandemia da COVID-19 desde 2020, onde estamos constantemente em mais de um lugar, muitas vezes, em lugar nenhum.

### Referências

- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: jan. 2022.
- BRASIL. [Estatuto da Cidade (2001)]. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Estabelece diretrizes gerais da política urbana. Brasília: Presidência da República, 2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm). Acesso em: jan. 2022.
- CNES. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. *Banco de Dados*. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/>. Acesso em: abr. 2017.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade*. Tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001, VHS, 459min. Paris: Éditions Montparnasse, 1997.
- DETONI, Luana Pavan. *Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado. Pelotas, PROGRAU, UFPel, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5360>. Acesso em: jan. 2022.



DETONI, Luana Pavan. Cartografia da (in)segurança nas cidades pequenas: uma experiência em Arroio do Padre/RS. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, parede branca, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/issue/archive>. Acesso em: jan. 2022.

DETONI, Luana Pavan; RESENDE, Lorena Maia; PINHO, Rafaela Barros; ROCHA, Eduardo. *A experiência da pedagogia da viagem na fronteira Brasil-Uruguay*. *INSITU*, v. 3, p. 83-98, 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/situs/article/view/640>. Acesso em: jan. 2022.

ENDLICH, Angela Maria. Na trilha conceitual e de definições das pequenas cidades. In: BOVO, M. C. COSTA, F. R. *Estudos Urbanos*. Campo Mourão: Editora Unespar, 2017, p. 33-53.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli; ENDLICH, Angela Maria. Violência e insegurança cidades de faixa de fronteira: O contexto do tráfico ilegal no norte do estado do Paraná. *Revista da ANPEGE*, v. 17, p. 131-154, 2021.

ENDLICH, Angela Maria. *Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná*. Presidente Prudente: UNESP, 2006.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 2010*. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=43&search=rio-grande-do-sul>. Acesso em: abr. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2007*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/>. Acesso em: fev. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2018*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/>. Acesso em: jan. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estimativa populacional*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: jan. 2022.

MACIEL, Alexandre Pereira. *Antigos Prédios e Novos Municípios: Patrimônio Arquitetônico Urbano Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre – RS*. Pelotas: Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPel, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br/handle/123456789/1063>. Acesso em: mai. 2017.

MANFIO, Vanessa. A verticalização urbana nas pequenas cidades da Quarta Colônia/RS. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 5, p. 248-261, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/issue/archive>. Acesso em: jan. 2022.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. São Paulo: Global Editora, 2012.

MIKRIPOLI. Rede de Pesquisadores sobre Cidades Pequenas. *Por uma Geografia Urbana mikripolitana!* Disponível em: [https://issuu.com/mikripoli/docs/por\\_uma\\_geografia\\_urbana\\_mikripolitana](https://issuu.com/mikripoli/docs/por_uma_geografia_urbana_mikripolitana). Acesso em: nov. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / MEC. *Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados*. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: abr. 2017.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Ciudad collage*. barcelona: Editora Gustavo Gili, 1998.

MOREIRA, Clarissa da Costa. *A cidade contemporânea entre a tabula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério; JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. *Cidades Pequenas: Perspectivas Teóricas e Transformações Socioespaciais*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Para Pensar as Pequenas e Médias Cidades Brasileiras*. Belém: Federação de órgãos para Assistência Social e Educacional/FASE; Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/UFPA; Observatório Comova, 2009.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Cristian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum*. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 92-127.